



RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Margareth Maria de Melo, Universidade Estadual da Paraíba,
margarethmmelo@yahoo.com.br
Pollyanna Braga Barbosa Pascoal, Universidade Estadual da Paraíba,
pbragabarbosa@gmail.com
Samira Muana de Souza Paulino, Universidade Estadual da Paraíba,
samirapaulino@hotmail.com

Introdução

A história do Brasil recebeu contribuições significativas dos povos africanos na sua constituição, sendo identificada à sua influência cultural em nosso cotidiano, a exemplo das práticas esportivas, religiosas e dos hábitos alimentares. Apesar de representar uma parcela crucial na formação da sociedade brasileira, esses povos não tinham um reconhecimento/valorização de sua participação em nossa construção cultural.

Depois de anos de “negação” da cultura africana nos conteúdos escolares, no ano de 2003, ocorreu à promulgação da Lei 10.639/2003, estabelecida no governo do presidente Luiz Inácio *Lula* da Silva, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e incluiu o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares do Brasil, o que representou um marco na educação brasileira, tendo em vista que a inclusão desse conteúdo não representa tão somente o reconhecimento de uma contribuição cultural, mas uma nova leitura da história do Brasil.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos (BRASIL, 2004, p. 17).

Partindo do exposto, trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos torna-se imperativo, para que os alunos tenham conhecimento de uma das principais raízes formadoras de nossa sociedade, a



africana. Acreditamos que a partir desse conhecimento os alunos possam valorizar as contribuições deixadas por esses povos.

Sendo assim, o presente relato de experiência é resultado do trabalho desenvolvido junto à Modalidade de Ensino de Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Padre Emídio Viana Correia, e tem como objetivo descrever as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado VI.

Metodologia

Este trabalho consiste em um relato de experiência vivenciado pelas discentes do Estágio Supervisionado VI, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. Ocorreu no período de 18 a 22 de novembro de 2013, na Escola Municipal Padre Emídio Viana Correia, localizada na cidade de Campina Grande, na sala de aula de Alfabetização na Modalidade de Ensino de Educação de Jovens e Adultos. O relato está organizado em cinco momentos, cada um correspondendo a um dia de prática docente articulada à temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana com o respectivo registro dos aspectos observados.

Resultados e Discussão

Momento 1- Prática docente: iniciamos a aula com uma breve apresentação do conteúdo a ser estudado, sondamos o que os alunos já sabiam sobre essa temática e, a partir dos seus conhecimentos prévios, explanamos sobre a África, como se deu a vinda dos negros africanos para o Brasil, o processo que resultou na abolição da escravidão, as repercussões negativas na vida da população negra, percebidas ainda hoje, em decorrência da marginalização sofrida pelos ex-escravos e a falta de políticas públicas de apoio. Por fim, mostramos a dívida que o Brasil ainda tem para com os negros e a importância de reparar esses erros. Encerramos a aula com a música “A carne” interpretada por Seu Jorge. *Registro dos aspectos observados:* o processo de avaliação se deu pela observação do comportamento dos alunos no momento da aula, sua atenção e participação. Percebemos grande interesse pelo assunto, visto que, a temática foi abordada de forma atraente para os alunos,



respeitando seu nível de aprendizagem, bem como, sua bagagem de conhecimentos.

Momento 2- Prática docente: iniciamos a abordagem do conteúdo “identidade” questionando os alunos sobre a formação (branco, negro, pardo etc.) familiar deles, a partir desse momento iniciamos um debate sobre as diferentes etnias que formam o Brasil. Para instigar nossos alunos, durante o debate, trouxemos para a sala de aula uma charge que mostra o preconceito entre as culturas. Falamos sobre a tão complexa e variada composição étnica de nossa população, nossas diferenças e nossas semelhanças que faz nos reconhecermos como sendo todos brasileiros. Para finalizarmos, reforçamos a ideia de respeito às diferenças étnicas e a valorização da identidade de cada sujeito, com a apresentação da música “Diz que tem” de Vicente Paiva e Aníbal Cruz. *Registro dos aspectos observados:* a charge impressa foi colada no quadro o que causou muita curiosidade entre os alunos. Verificamos a identificação dos mesmos com a temática, devido a grande participação e entusiasmo. A música foi um momento de descontração aliada à fixação do conteúdo. Acreditamos que o objetivo de perpetuar a compreensão da singularidade do indivíduo e a aceitação da diferença foi atingido.

Momento 3- Prática docente: iniciamos a aula verificando o conhecimento prévio dos alunos sobre a temática “Dia da Consciência Negra”, após esse momento explicamos sobre o porquê da celebração desse dia. Refletimos junto aos alunos sobre a importância da cultura e história do negro no Brasil. Discorremos sobre a vida de Zumbi dos Palmares, líder, corajoso, que lutou por seu povo e que ainda hoje é lembrado por sua bravura. Finalizamos esse momento, declamando um belíssimo poema de José Luiz Felipe Donato “Zumbi dos Palmares... Valeu!”. *Registro dos aspectos observados:* verificamos o interesse e atenção dos alunos para com a temática apresentada, a comoção para com a história de Zumbi e o reconhecimento de sua bravura. A declamação do poema foi motivo de admiração para eles, devido a ser um gênero textual pouco utilizado no seu cotidiano escolar. Cremos que com essa aula os alunos compreenderam a origem do Dia da Consciência Negra e sua importância para atualidade.

Momento 4- Prática docente: iniciamos a aula colocando para os alunos a música “Kizomba, festa da raça”, samba composto por Rodolpho, Jonas e Luiz Carlos da



Vila, de maneira a tornar a aula mais atrativa. Após, fizemos um breve comentário sobre a música, de forma a adentrarmos nos conteúdos, lembrando a aula anterior sobre o Dia da Consciência Negra, reforçando sobre o 20 de novembro e um dos símbolos de resistência à escravidão “Zumbi dos Palmares”. Falamos, ainda, sobre a formação dos quilombos, local de refúgio para os negros escravizados, que por não aceitarem a maneira de vida imposta a eles, fugiam. Demos uma ênfase maior para o “Quilombo dos Palmares” por sua importância, visto que, foi considerado o maior quilombo territorial e temporal que já se ouviu falar. *Registro dos aspectos observados:* em virtude da retomada do assunto da aula anterior percebemos uma maior fixação do conteúdo e considerável participação da turma. A mesma conheceu a importância da cultura e da história do negro no Brasil, a partir de uma reflexão sobre o Dia da Consciência Negra e a luta dos negros, especialmente a de Zumbi dos Palmares, debateu sobre o tema aplicando conhecimentos do seu dia a dia, argumentou o valor de atitudes antirracistas frente à luta pelo reconhecimento da contribuição negra para o país.

Momento 5- Prática docente: iniciamos a aula expondo e dialogando com os alunos a respeito das contribuições e influências da cultura africana evidenciadas na nossa formação. Realizamos uma retomada das aulas anteriores por meio de um resumo e revisão dos conteúdos. Ao final, realizamos diversas perguntas, a fim de avaliarmos a compreensão e fixação do tema. Com o intuito de motivarmos os alunos a recapitularem tudo o que aprenderam, oferecemos um chocolate a quem respondesse corretamente as perguntas feitas por nós. Tomamos o cuidado de elaborarmos um número de perguntas suficientes para que todos os alunos participassem e ganhassem um chocolate. *Registro dos aspectos observados:* no decorrer de todas as aulas observamos a atenção, interesse, colaboração e participação dos alunos. Acreditamos que todos os nossos objetivos foram alcançados com sucesso e que demos nossa contribuição para o reconhecimento e valorização da participação do povo negro na construção da cultura brasileira, apoiando a construção de valores éticos e morais de respeito à diversidade.

Conclusão



A escola, enquanto instituição baseada no direito e na igualdade tem como função pensar, abordar e articular a educação a perspectiva multicultural, desconstruindo posturas e ações de discriminação e preconceito, bem como desfazer a supremacia que ainda temos hoje sobre o pensamento hegemônico, quando vivemos num mundo cada vez mais plural.

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem papel crucial a desempenhar nesse processo [...] porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela (BRASIL, 2001, p. 23-24).

Com o Estágio percebemos que existem caminhos que podem ser trilhados pela escola, a fim de se promover a construção de valores multiculturais, apesar de vivermos numa sociedade ainda excludente, racista, preconceituosa e discriminatória. Destacar as lutas e reivindicações que ocorreram e ocorrem ao longo da história é elemento de grande importância nessa construção. Outro elemento primordial é colocar em prática o que a Lei 10.639/2003 estabelece, ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Dessa forma, buscando apresentar e investigar uma história que não seja contada a partir da ótica europeia, mas uma que foi, preferivelmente, “esquecida”, a escola poderá desconstruir uma imagem que perdura há tempos, a de pobreza, incapacidade e inferioridade atribuída aos africanos e aos afrodescendentes.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

_____. _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC, 2001.
